

## PAULO FREIRE E A LEITURA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Anna Carolina Silva de Almeida Lima<sup>1</sup>  
Névio de Campos<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo compõe-se de uma pesquisa ainda em processo de construção, tendo como fontes e objetos as obras “Pedagogia do Oprimido”, “Ação Cultural para Liberdade”, “Pedagogia da Autonomia”, “Pedagogia da Indignação” e “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra” de Paulo Freire, nas quais o autor aborda diferentes tipos de leitura. A inquietação da pesquisadora surge ao buscar compreender com mais clareza este intelectual e como Freire desenvolve o conceito de “leitura de mundo” e o articula à leitura da palavra em suas obras. Como referencial teórico-metodológico, será utilizado o conceito de “Espaço de Experiência”, articulado pelo historiador alemão Reinhart Koselleck, para fundamentar as críticas que Paulo Freire faz à leitura da palavra na educação bancária. Ainda em Koselleck, será utilizado o conceito de “Horizonte de Expectativa”, a fim de analisar como Freire idealmente concebeu a essência da leitura de mundo e da leitura da palavra. Finalmente, a produção deste artigo conta também com as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu a partir de seu conceito de trajetória, auxiliando na compreensão da experiência pessoal de leitura de Paulo Freire, assim como de seu envolvimento com as concepções de leitura — observando como esse conceito se desenvolve ao longo de sua vida, sua trajetória e suas experiências vividas.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, Conceito, Leitura.

### INTRODUÇÃO

Através da escrita deste artigo, pretendemos discorrer sobre conceitos de leitura utilizados por Paulo Freire, os quais o autor desenvolveu em diversas de suas obras. Para apresentar tais conceitos, os livros escritos por Paulo Freire selecionados para análise foram: Pedagogia do oprimido (1968); Ação cultural para a liberdade (1975); Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra (1987); Pedagogia da autonomia (1996) e Pedagogia da indignação (2000).

Contudo, é importante ressaltar que os dados trazidos neste artigo, fazem parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, portanto, algumas obras não serão contempladas em sua totalidade, visto que ainda estão em processo de análise e estudo. Serão abordadas

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, [carolalmeidalima@hotmail.com](mailto:carolalmeidalima@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, [ndoutorado@yahoo.com.br](mailto:ndoutorado@yahoo.com.br).



neste artigo Pedagogia do oprimido, Ação cultural para a liberdade e Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra.

Para nos auxiliar na compreensão em como Paulo Freire elabora os conceitos de leitura, utilizamos aqui uma perspectiva de investigação fundamentando o estudo através das contribuições do historiador alemão Reinhart Koselleck e do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Tais abordagens serão essenciais para seguirmos no objetivo de investigação e análise dos conceitos elaborados por Freire.

## **METODOLOGIA**

Este artigo faz parte de um projeto maior, os estudos de uma pesquisa de mestrado em Educação.

Trata-se de uma pesquisa histórica, com abordagem qualitativa, sendo o primeiro capítulo de natureza bibliográfica e o segundo e terceiro capítulos de natureza documental. Esta metodologia envolve uma seleção criteriosa de fontes como livros, artigos acadêmicos, teses e dissertações, que são relevantes para o objeto de estudo. Neste caso, utilizamos as obras de Freire, citadas logo acima, tendo como fundamentação e auxílio as contribuições de Bourdieu e Koselleck.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Reinhart Koselleck abordou em sua obra “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”, em 1979, alguns aspectos referentes aos processos que um historiador perpassa ao iniciar uma investigação por fontes históricas. Dentro deste processo, o investigador pode atuar em diferentes planos para explorar como a história é compreendida através de uma determinada sociedade em determinado tempo histórico.

É fato que as experiências que vivenciamos durante a vida, bem como a cultura, a sociedade e o tempo em que vivemos, moldam (ou no mínimo influenciam fortemente) nossa maneira de pensar, agir e nos comportar. Somos um reflexo vivo do que foi construído à nossa volta. Desta forma, tendemos a perpetuar nossa cultura, seguir as normas sociais implementadas, buscar compreender situações que nos foram apresentadas ou que nos fizeram chegar onde chegamos, e também nos permite fazer projeções para o futuro com base nas experiências vividas, seja de maneira pessoal ou coletiva.



Para conceituar e compreender com mais clareza tais comportamentos humanos, é possível contar com as contribuições Reinhart Koselleck, o qual conceitua em seu livro “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos” em 1979, o “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” como categorias históricas, isto é, categorias que equivalem às de espaço e de tempo.

Koselleck (1979) define horizonte de expectativa como a forma que as pessoas fazem projeções para o futuro com base em seus contextos históricos e sociais. Ou seja, envolve previsões e expectativas ao observar e vivenciar o presente, com todas as influências culturais, sociais e políticas às quais as pessoas estão submetidas.

Sobre espaço de experiência, Koselleck (1979) destaca ser um conceito no qual o conhecimento está relacionado às experiências passadas, aos saberes acumulados e aos aprendizados obtidos. É através do espaço de experiência que o conhecimento sobre o passado é capaz de proporcionar possibilidades de expectativas para o futuro.

Ao classificar tais conceitos, o autor destaca que

Trata-se de categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. (Koselleck, 1979, p. 306)

Esta prática de experienciar situações e fazer projeções futuras está intrínseca ao comportamento humano, tanto individual quanto em sociedade. São estas experiências vividas e as expectativas de futuro que auxiliam na configuração dos modelos sociais e influenciam as tomadas de decisões.

Koselleck (1979) argumenta que existe uma relação entre o horizonte de expectativa e o espaço de experiência, e é através desta relação que conseguimos compreender como as sociedades se desenvolvem e como as noções de tempo histórico são moldadas.

Para além das questões abordadas por Koselleck, contamos também com as contribuições de Pierre Bourdieu. Em “A ilusão biográfica” o autor conceitua a trajetória como uma série de eventos experienciados por um indivíduo (ou um grupo) em um espaço social. Bourdieu (1986) ressalta que determinado evento biográfico deve ser entendido como parte de uma sequência de movimentos que acontecem dentro de um campo social específico, considerando a cultura, o tempo histórico e o tipo de sociedade.

Para compreender a trajetória, é preciso considerar as relações entre as diferentes posições que um indivíduo ocupa, bem como o contexto social que influencia no valor destas



posições. Sendo assim, para Bourdieu (1986), a trajetória é um processo relacionado à estrutura social e às suas transformações, e portanto é moldada pela influência das condições políticas e sociais nas quais o sujeito está inserido.

Partindo destes princípios abordados por Koselleck e Bourdieu, analisaremos como Paulo Freire conceitua a leitura em suas obras, considerando o tempo histórico do autor, sua trajetória, suas vivências pessoais e sociais, bem como suas expectativas projetadas através de suas obras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Pedagogia do Oprimido* (1968), Freire relata sua experiência ao alfabetizar trabalhadores rurais. Durante a execução deste trabalho, pôde perceber as falhas do sistema educacional, já que o ensino da forma tradicional não atendia verdadeiramente as necessidades da população, principalmente porque não fazia sentido para a mesma.

Desta forma, desenvolvendo seu próprio método, Freire percebeu que partindo da realidade vivenciada por aquela população, atingia plenamente seus alunos, pois partia de uma prática que envolvia não apenas o diálogo, mas também a verdadeira escuta e a conscientização dos mesmos sobre suas realidades sociais e políticas.

Assim, percebemos que Freire (1968) considera o processo da leitura muito mais complexo do que o simples movimento de decodificação de sílabas. Na verdade, ele envolve um movimento fundamental de conscientização e libertação. Ou seja, para que a leitura seja efetiva, com significado e aprendizado para quem lê, é necessário que os indivíduos aprendam a interpretar o que estão lendo e fazer abstrações de acordo com suas vivências e sua própria realidade.

Esta interpretação crítica ao realizar a leitura,

[...] provoca novas compreensões de novos desafios, que vão seguindo no processo da resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá, o reconhecimento que engaja. A educação como prática da liberdade, ao contrário naquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homem, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. (Freire, 1968, p. 45).



A prática de liberdade, portanto, segue como importante parte no processo do aprendizado e da leitura. E quando se trata da leitura de mundo, Freire (1968) destaca a relevância de compreender as experiências e os contextos sociais nas quais o indivíduo está inserido. Traz esta leitura como essencial para que as pessoas possam se posicionar criticamente em relação à realidade, reconhecendo as injustiças que nos cercam e munindo-se de conhecimento para transformá-la.

Em *Ação Cultural para a Liberdade* (1975), Freire aprofunda essa ideia ao abordar sobre a importância da cultura na educação. Ele argumenta que a cultura não deve ser vista como um mero conteúdo a ser transmitido, mas como um processo dinâmico que envolve a participação ativa dos educandos. A leitura, nesse contexto, é uma prática cultural que deve ser vivenciada de forma crítica e reflexiva, permitindo que os indivíduos se tornem agentes de sua própria história.

Já em *Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra* (1987), Freire destaca que a alfabetização deve ser um processo que articula a leitura do mundo e a leitura da palavra. Ele defende que a educação deve ser um ato político, de amor e de coragem, onde o educador e o educando se encontram em um processo dialógico, promovendo a construção conjunta do conhecimento.

Assim, ao longo de suas obras, Paulo Freire nos apresenta um conceito de leitura que vai além do ato de decifrar palavras ou frases soltas. A leitura é, portanto, um processo complexo e multifacetado, que envolve a compreensão crítica da realidade, a construção do conhecimento do mundo e de si, bem como a busca pela justiça através da transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos criteriosamente as obras de Paulo Freire citadas acima, é possível perceber que o autor utilizou de suas experiências pessoais, advindas de sua trajetória para refletir criticamente sobre o melhor processo de aprendizado através da alfabetização e da leitura.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1968), relatou o trabalho que realizou alfabetizando trabalhadores rurais, ao ouvir suas experiências, seus desafios e suas trajetórias. A partir desta vivência, como em um espaço de experiência o qual compartilhou com os alunos, fez projeções e idealizou um modelo no qual conseguiu adaptar a melhor maneira de



ensino para aquelas pessoas, ao invés do ensino tradicional, o qual não contemplava plenamente às necessidades dos mesmos.

Para Freire (1968, p. 25),

Ninguém ignora que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. A leitura de mundo, a qual a educação formal precisa tornar explícita, é, por sua vez, a leitura que o homem faz da realidade em que vive. A leitura da palavra, que se faz na educação formal, é consequência da leitura de mundo.

Em suas outras obras, como *Ação cultural para a liberdade* (1975) e *Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra* (1987), fica evidente a valorização do autor quanto à inclusão da cultura no processo de aprendizagem, que propicia a aquisição de conhecimento acumulado (tal qual o espaço de experiência), bem como uma reflexão crítica sobre o processo e autonomia de quem lê e estuda, possibilitando que o indivíduo pense por si só. Freire (1987) destaca também a importância da dinâmica do processo de aprendizagem entre professor e aluno, valorizando o diálogo, as reflexões conjuntas e a escuta, considerando as experiências e as histórias (trajetória individual ou em sociedade) trazidas para o contexto.

Sendo assim, percebemos em suas obras que para conceituar a leitura, o autor utiliza de suas experiências, suas percepções de mundo adquiridas através de sua história, estudo, observação e muita escuta. Tais elementos foram fundamentais para que Freire elaborasse seus conceitos de leitura abordados em seus livros.

A leitura crítica, segundo Freire (1975), considera as condições sociais e históricas, visando transformar a realidade. Desta forma, a leitura de um texto, por exemplo, não se desassocia de expectativas e possibilidades que os leitores desenvolvem em relação ao futuro.

Logo, também percebemos na prática o conceito de horizonte de expectativa, no qual os leitores fazem projeções sobre o futuro a partir de sua leitura de mundo. Assim, a leitura crítica abordada por Freire (1975) pode ser vista como forma de ampliar e transformar esse horizonte de expectativa, levando o leitor a questionar e refletir sobre novas possibilidades de futuro.

Em suma, a vida e as obras de Paulo Freire nos convidam a refletir sobre a educação como um ato de amor e de coragem. Ele nos ensina que a educação não deve ser neutra, mas estar comprometida com a transformação social. E que a alfabetização começa com a leitura do mundo, valorizando a cultura e as experiência de quem aprende.



## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. De M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra. 1. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

KOSELLECK, R. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

